

A CASA TOMBADA

Lugar de Arte, Cultura e Educação

FACONNECT

Curso de Pós-Graduação em 'A vez e a voz das crianças: a arte de escutar e conhecer narrativas, linguagens e culturas infantis'

CAMINHOGRFIAS **Linhas das crianças que passam**

ISABELA PINHO GOMES ASSÊNCIO¹

Trabalho realizado sob a orientação da Profa. Dra. Ângela Castelo Branco como conclusão do curso de pós-graduação 'A vez a e a voz das crianças: a arte de escutar e conhecer narrativas, linguagens e culturas infantis', para obtenção do certificado de especialista

São Paulo
2020

¹ isabela.assencio@gmail.com

RESUMO

Trabalhar com crianças é vê-las passar. Neste trabalho, debruço-me ativamente na tentativa de melhor enxergá-las e, a partir de linhas, traçar seus caminhos. Entender que os caminhos das crianças ocupam tempo e espaço, têm corpos sólidos e movimentos que dissolvem sua solidez. E tudo isso se move também em quem procura acompanhá-los: é preciso, então, criar esse lugar para recebê-los, é preciso ter corpo para entender sua dissolução. A partir da observação foram produzidas linhas: "caminhografias" traçadas no encontro com as infâncias. E como estas raramente passam sozinhas é no contato com seus acompanhantes que se faz o contraste entre seus tempos, espaços, seus corpos. Dialogando com as imagens - as linhas - está tanto o relato mais essencialmente descritivo das cenas como leituras possíveis guiadas por associações. São elas o "ponto-linha elástica invisível", a "dobradiça", "retas e curvas". Três paralelos que contam uma história. Os olhos que a vêem seguem o percurso da mão que a desenhou. Quem vê a imagem já não mais está imóvel. A linha feita em gesto rápido e simples agora expressa e eterniza movimento e pensamento. Volta a sair do papel. O esboço abre um canal de comunicação, torna o inefável assunto possível. Convida a conversar. E é esse o objetivo aqui: gerar movimento de corpos e palavras acerca das infâncias que passam.

PALAVRAS-CHAVE: Infâncias. Linhas. Caminhar.

ABSTRACT

Working with children is watching them pass. In this work, I actively focus on trying to better see them and, from lines, trace their paths. To understand that children's walks occupy time and space, that they have solid bodies and movements that dissolve their solidity. And all of this also moves in those who seek to accompany them: it is necessary, then, to create this place to receive them, it is necessary to have the body to understand their dissolution. From observation, lines were produced: "caminhografias" (lines representing movement) drawn in the encounter with childhoods. And, as they rarely pass alone, it is in the contact with their companions that the contrast between their times, spaces and their bodies are made. Working through these images - lines - were generated both descriptions of scenes and their possible interpretation guided by associations. Those are the "invisible elastic point-line", "the hinge", "straight and curved". Three parallels that tell a story. The eyes that see it follow the path of the hand that drew it. Whoever sees the image is no longer still. The line made in a quick and simple gesture now expresses and eternizes movement and thought. It stands out of the paper. The sketch opens a channel of communication, makes the ineffable a possible subject. It invites us to talk, and that's the goal here: to generate movement of bodies and words about the childhoods that pass by.

KEYWORDS: Childhoods. Lines. Walking.

1. INTRODUÇÃO

Primeiros passos

Um dia, sentei em uma mureta. Não sabia o que perceber nas crianças, nas infâncias ao meu redor. E elas foram passando. Meus olhos compondo linhas para acompanhar seus movimentos. Meus olhos procurando pontos; pontos de intersecção, de vista, pontos finais e reticências. É com linhas e pontos que esse trabalho se faz.

Quando meus pés não tinham o tamanho todo de hoje, eles pontuavam o chão do sítio dos meus avós. Ali era mais fácil perceber suas marcas. Os sinais eram recíprocos: haviam pegadas na terra e terra nas solas dos pés. Linhas curiosas se formavam na grama, "carreadores" dizia minha mãe, as vacas - e as pessoas - sempre passam no mesmo lugar e deixam, escritos no chão, os caminhos.

Aprender a ler o chão era imaginar os caminhares de quem fazia aqueles traçados. Na cidade, pode ser difícil construir essas imagens. Os caminhos pavimentados trazem dicas mais sutis de como por eles se passa. Muitos corpos e pouco espaço: para marcar esse chão de asfalto é preciso ter massa. Afinal, para encontrar as faixas exclusivas de ônibus e caminhões, basta olhar para pavimento que cede mais rápido. As marcas podem ser também um sinal de repetição exaustiva, podem-se contar muitas linhas sutis até se formar uma visível. Talvez seja então preciso fazer o inverso: setar os olhos nos caminhares para a partir deles esboçar suas linhas.

Trabalhar com crianças é vê-las passar. Linhas riscadas no encontro, linhas que por vezes deixam marcas. Os riscadores são variados, assim como suas massas, os segmentos comuns reforçados por eles, os espaços preenchidos pela primeira vez. Trabalhar com crianças é olhar para os caminhos deixados tentando não esquecer dos caminhares e dos caminhantes que os fizeram.

Como, então, traçar as linhas dessas infâncias?

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Infâncias caminhantes

Olhar para as crianças que passam pede uma intenção: se ater ao que está ali todos os dias. Um novo estado de presença que convida a dar atenção a outras coisas,

sobretudo, a dar atenção de outro modo ao habitual, ao caminhar. Modo este que requer tomar distância para observar e ao mesmo tempo ter em si a experiência observada.

"Um esforço de revelar o visível, de tornar visível o visível" (LARROSA, 2017, pos. 4910).
É, em si, a criação de um lugar para o porvir que está sempre vindo.

Os caminhares das crianças ocupam tempo e espaço. Têm corpos sólidos e movimentos que dissolvem sua solidez. Tudo isso se move também em quem procura acompanhá-los: é preciso, então, criar esse lugar para recebê-los, é preciso ter corpo para entender sua dissolução.

Contemplar um caminhar é também esquecer o caminho. Não se sabe, ou se procura saber, de onde vêm ou para onde vão e, sim, como o fazem. Não se trata de ligar o ponto A ao B, mas da dança que se faz entre os dois. Ver os passos na ânsia de ouvir a música que os embala.

E as infâncias raramente passam sozinhas. Nos contatos com suas companhias se faz o contraste entre seus tempos, espaços, seus corpos.

É, portanto, a partir da presença, do vazio e do movimento que se desenham essas infâncias.

2.1.1 Fitando os caminhares

Se o exercício de entrar nesse novo estado, de presença e investigação para com as infâncias, é o objetivo deste trabalho, é com a existência desses elementos-infâncias que ele se escreve. Bastaria que crianças e seus acompanhantes carregassem meu olhar com seus movimentos e que eu buscasse conduzir o leitor através dos meus movimentos resultantes.

Todavia, o gesto de sentar e observar as crianças que atravessam meu campo de visão traz algumas limitações. As passagens são rápidas e abaixar os olhos para algum tipo de anotação seria perder uma grande parte de sua duração. Dessa forma, um registro em vídeo possibilitou uma análise posterior das cenas vistas em campo. Mas gravar sem modificar o comportamento de quem se filma requer um certo grau de invisibilidade, uma multidão.

Aqui registram-se, assim, vislumbres de infâncias que cruzaram pontos da Avenida Paulista¹ em seus dias abertos somente para pedestres e dos passeios do Parque Ibirapuera² num material gravado resultante de duas horas de observação total.

2.2. Os caminhares

Seguir um caminho colocando pé ante pé - assim, o caminhar poder parecer um simples momento de passagem, um mero jeito de se deslocar até o próximo ponto de interesse. Mas esse gesto carrega em si ancestralidade, conta sobre nossa trajetória enquanto espécie e enquanto indivíduos. Diz sobre com quem dividimos os caminhos, revela sobre nossos corpos.

Aprender a caminhar talvez seja repetir esse movimento atávico enquanto numa busca por sua própria poética.

2.2.1 O caminhar na história

Seres vivos parecem compartilhar uma necessidade natural de se movimentar no espaço, quer seja para buscar alimento e informações importantes para sua sobrevivência, quer seja para afastar-se de perigos. O ser humano não escapa dessa primordialidade, no entanto, o ato de andar sobre os dois pés, um colocado na frente do outro, é considerado um grande marco para a humanidade. A transição para esse movimento, que existe em outras espécies de vertebrados, possui lacunas em seus registros na história humana (GARLINGHOUSE, 2019). Assim, não sabemos bem como nossos andares se diferenciaram dos demais, e nem dos porquês. Vantagens possíveis seriam a visão de uma perspectiva mais elevada e a liberação dos membros superiores para combate e manipulação de objetos (IVANENKO, DOMINICI & LACQUANICI, 2007). Ainda, alguns tentam imaginar novas camadas de entendimento sobre esse gesto. Careri (2013, pp. 27 e

¹ Aos domingos e feriados a Avenida Paulista, situada na cidade de São Paulo, fica aberta à circulação de pedestres e fechada para veículos motorizados. Geralmente, acontece uma grande movimentação e eventos culturais ao longo da via durante esses dias.

² De acordo com seu site oficial, o Parque Ibirapuera, localizado na capital paulista, é um dos mais frequentados da América do Sul, tendo 10 milhões de visitas estimadas por ano em seus 158 hectares.

28) coloca que o caminhar ultrapassa essas necessidades primárias e se transforma também "numa fórmula simbólica que tem permitido que o homem habite o mundo", dizendo que "a partir dessa simples ação foram desenvolvidas as mais importantes relações que o homem travou com o território."

Um dos sinais mais antigos da existência humana são justamente marcas de passos. Rastros deixados por um *Australopithecus afarensis* e por seu filho há 3,7 milhões anos, solidificados no lodo vulcânico de Laetoli, na Tanzânia (GUILAINE, 1986 *apud* CARERI, 2013, p. 41). E, desde então, o percurso humano se marca de diferentes formas - nas errâncias de caça do paleolítico, na transumância nômade acompanhando rebanhos, nas comutações dos dias atuais. No início, estar caminhando era uma forma de cuidar da própria possibilidade de encontrar frutos e carne de caça; andar era uma forma de favorecer tais encontros e, assim, ganhava valor em si. Depois, as andanças nômades eram ditadas pelas condições ambientais mais adequadas ao rebanhos e seus "cuidadores", era preciso deixar a base estabelecida em busca da próxima, com clima e alimentação oportunos. O caminhar ganhou, então, mais ênfase enquanto conexão entre esses pontos de acomodação. Hoje, essa noção parece ter se ampliado e as caminhadas, muitas vezes, parecem maneiras de ligar pontos no espaço, um "estar" entre objetivos.

É a partir de todos esses caminhares, e de suas peculiaridades, que a humanidade se põe a transformar a paisagem que a circunda. O caminhar produziu e segue a produzir arquitetura e paisagens. Foi assim, inclusive, que surgiu o primeiro elemento artificial da paisagem urbana: o *menir* ou, em egípcio, *benben*, a "primeira pedra que emergiu do caos" (CARERI, 2013, p. 27). Estas pedras verticalizadas passam a romper a horizontalidade do plano dos caminhos e servir de orientação para seus caminhantes.

Mas não é só no registros materiais que essa noção de errância primitiva persiste. Ela está nas procissões e outros ritos religiosos, na peregrinação, nas danças, nas formas literárias que trazem o percurso como narração e até como puro ato estético (CARERI, 2013, p. 28). Ela está, portanto marcada no ambiente, nas tradições, no corpo.

2.2.2 O caminhar no corpo

Para grande parte dos seres humanos adultos, nossa forma de locomoção pode parecer trivial. Mas, para entender sua complexidade basta imaginar a cena a seguir: uma bisavó caminha segurando as mãos do bisneto em seus primeiros passos. Os movimentos enrijecidos e lentos dela tentam acompanhar o desajeitado desequilíbrio dele. É preciso um certo tônus em determinados músculos, assim como, uma programação neurológica global que acione cada um deles na cadência certa.

Caminhar é sair de um equilíbrio em busca do próximo. Uma pendulação. Um movimento composto por pequenas quedas e levantares orquestrados, que precisam de treino e manutenção de seus componentes. Nascemos com reflexos primitivos desses movimentos e, a partir deles, nossos perfis de atividade muscular ganham novos padrões ao longo dos anos (DOMINICI *et al*, 2011). Uma evidência da existência desse circuito mesmo antes da marcha independente é o próprio engatinhar, que divide mecanismos de controle neurais comuns à caminhada (IVANENKO, DOMINICI & LACQUANICI, 2007). A lenta taxa de maturação da locomoção independente em nossa espécie pode ser relacionada ao desenvolvimento complexo do sistema nervoso central e aos desafios únicos do controle de equilíbrio bípede (IVANENKO, DOMINICI & LACQUANICI, 2007).

Nos primeiros meses de vida os músculos vão sendo usados e, portanto, fortalecidos. Inicia-se uma busca pelo domínio desse novo movimento, pela estabilidade enquanto nele. Talvez porque ele nos seja inato, mas também porque ele garante acesso a um mundo novo: o mundo dos caminhantes. Andar sozinho é conquistar autonomia, é um enorme passo na direção da independência. Se o caminhar bípede é um marco para a humanidade, repetir essa transição é um marco para aqueles que o fazem. E para todos ao seu redor.

Um movimento que se torna natural e automático e que, quando ocorre sem grandes alterações, nos coloca em possibilidade de explorar com eficiência o entorno. Afinal, o mundo se construiu a partir da caminhada e com base nela. Além disso, caminhar é uma forma de continuar caminhando, é um sinal de saúde. Caminhar é um evento social.

2.2.3 O caminhar no coletivo

O ser humano é um animal social, isto é, mantém um alto grau de interação com outros membros de sua espécie. Tal contato também se faz possível pelo deslocamento desses indivíduos, resultando em seus encontros e separações. E, por que não, no caminhar junto.

Andar lado a lado indica algum outro tipo de proximidade. Laços familiares, afetivos, ou mesmo pontos semelhantes de saída e chegada. Também existe uma infinidade de maneiras pelas quais um grupo interage ao curso de seu caminho e todas essas possibilidades podem ser resultantes das pessoas que o compõe, da relação entre elas, do momento, do entorno, e das propriedades emergentes de tudo isso.

As crianças, especialmente as menores, estão quase sempre acompanhadas por adultos. Tais acompanhantes costumam escolher vários dos parâmetros que envolvem os caminhantes dos pequenos. Mesmo assim, ainda sobra espaço para expressarem autonomia e identidade em seus passos, enquanto alteram os daqueles que andam consigo.

2.3 As linhas

"Como criaturas que caminham, falam ou gesticulam, os seres humanos geram linhas por onde vão" (INGOLD, 2015, pos. 143). E são linhas de toda natureza: linha de pensamento, linha-verso, linha genealógica, contorno, marcas de expressão, fronteira, fio, linha de pesca, linha de partitura, desenho, caminho... Como, então, tentar desatar esse emaranhado, ou pelo menos, acompanhar a trajetória de algumas de suas linhas?

Algumas destas linhas não têm suporte físico. Tão finas, se desenharam sobre um "plano transparente e sem substância", são abstratas, conceituais (INGOLD, 2015, pos. 1060). Outras delas têm suas características impressas em materialidade, têm textura e alcançam nossa pele. As linhas de movimento, de alguma forma, parecem estar entre matéria e abstração: têm corpo e superfície-entorno como suportes mas não têm permanência física em si. Mesmo nesta brevidade, tais linhas dinâmicas deixam impressões, não somente no entorno e no corpo que as traçam, mas também em seus observadores. Estampam direcionamento, formas, limites, velocidade, extensão,

intensidade, ritmo. Contam sobre as superfícies em que se encontram, como um giz deitado marca sua cor e também a trama do papel que risca.

Caminhar traça a imediatez do caminho. Não há origem e nem fim da caminhada, só a forma de caminhar. Assim, não se pode enxergar um ponto definido no caminho da criança que passa, ele é linha. E linha é movimento:

A linha é dinâmica, interessada no seu em redor e tem relação ativa com ele, bem diferente do ponto que se “fecha em si” e mantém a tensão e a força do seu centro. A força da linha está no seu movimento, e também na relação que cria com o seu entorno. Poderíamos até mesmo dizer que linha é puro movimento e que, no seu movimento, nos aponta uma direção. São como setas nos dirigindo para um ou outro lado (OSTROWER, 1983 *apud* SOUZA, 2019, p. 115).

Linhas criam e são criadas a todo tempo e, aqui, se encontram com esse lugar-infância. Lugar que transpira poesia e criação. Por isso, a experiência do encontro com ele se transmuta em imagem poética, em traçados que brincam com os movimentos daqueles que caminham.

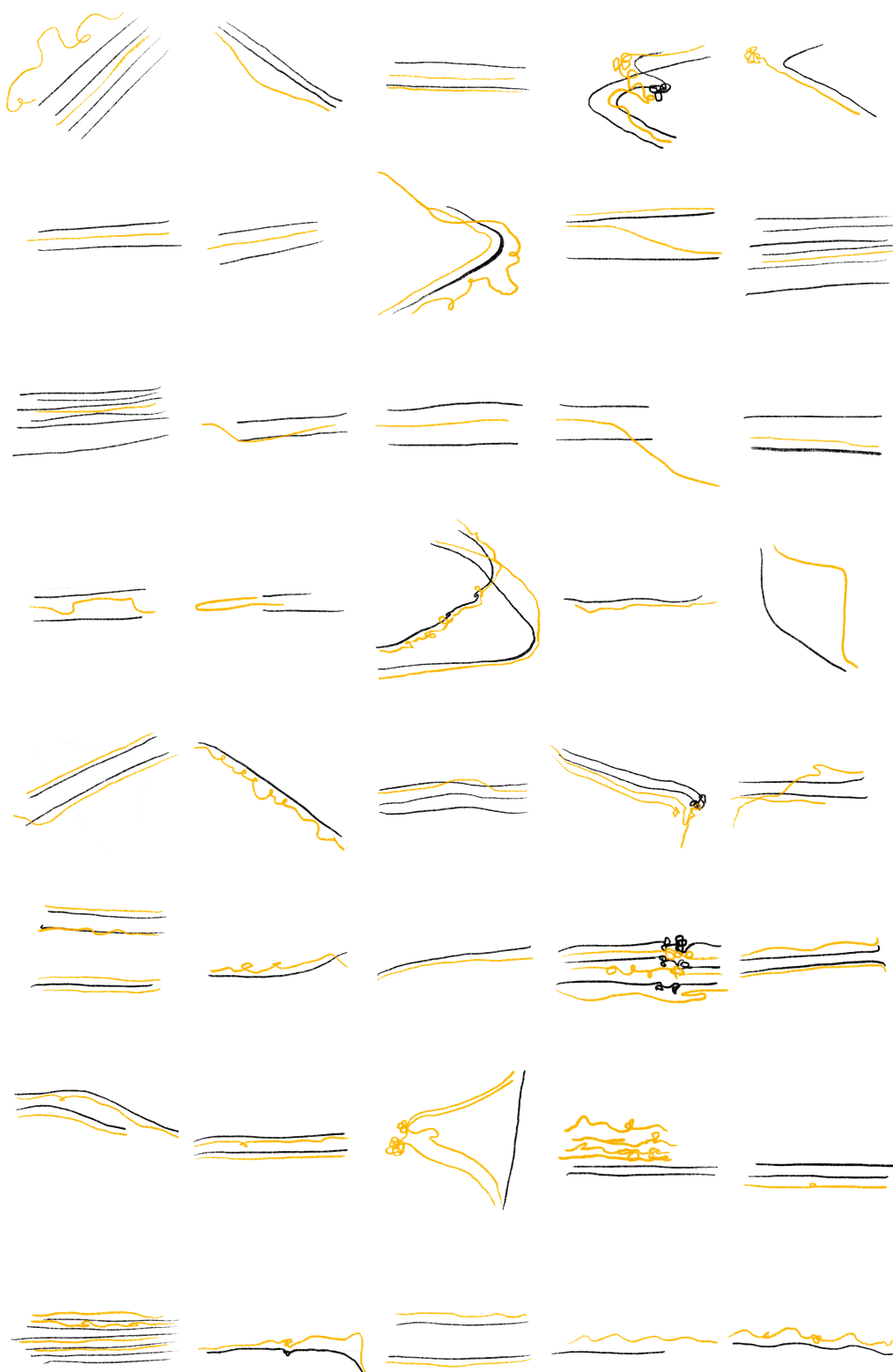
2.4 Os traçados

Como seria, então, uma imagem gerada a partir do encontro com a infância? Tento esboçar uma linha. É preciso preservar suas características dinâmicas e temporais. Registrar o caminho dos movimentos. Representar num recorte estático a força, o toque, o peso, a fala. Passar do traçado do corpo no ar e no chão, para aquele dos olhos que acompanham a cena e chegar nas mãos que o riscam. Percepções sensoriais que atravessam corpos. O gesto, enfim, fica na linha, ou ao menos, parte dele. Existe um corpo que produz a linha, um corpo que caminha. E ao passar por ele, o traço se transforma.

E tal como o caminhar, desenho é ação. É fruto do corpo. Na tentativa de imitar velocidades, intensidades e ritmos, o desenhante apropria-se do movimento percebido. Ganha repertório. Desenho é ferramenta para entender e organizar o que alcançamos do mundo com nossos sentidos. Mundo sentido de corpo inteiro que vira desenho-desígnio para onde o corpo leva.

Desenhar uma linha-esboço é como contar uma história. Os olhos que a vêem seguem o percurso da mão que a desenhou. Quem vê a imagem já não mais está imóvel. A linha feita em gesto rápido e simples agora expressa e eterniza movimento e

FIGURA 1 - *Caminhografias* dos caminheiros observados: registros do movimento de acompanhar os corpos caminantes com o olhar, transpostos para traçados feito com a mão. Linhas em cinza representam as movimentações dos adultos enquanto as amarelas, as das crianças.



Fonte: Desenhos de Isabela Pinho Gomes Assêncio (2020).

pensamento. Volta a sair do papel. O esboço abre um canal de comunicação, torna o inefável assunto possível. Convida a conversar. E é esse o objetivo aqui: gerar movimento de corpos e palavras acerca das infâncias que passam.

Por fim, desenhar é também voltar à infância, celebrar um tempo em que se tanto desenha. Delineia-se como uma forma de pensar e perceber o mundo que ainda é novo. De novo, de novo, de n(ovo).

2.5 Os pontos

As linhas dos caminhares contam de vidas, relações, histórias e processos, assim, não é simples escolher pontos para destacar. Talvez para isso, caiba enxergar pontos não como partes de linhas ou suas unidades fundadoras mas, sim, como acúmulos delas. Linhas que se demoram e volteiam em cima de si e com isso geram nós³. E essa soma de linhas se convertem nos “menires” deste trabalho: um “sistema de orientação territorial”, guias que orientam viajantes em suas rotas (CARERI, 2013, p. 54), e que são em si, nós de muitos caminhos traçados.

E se até o som da caminhada é pontuado em seu toque-toque, também existe espaço para outras pontuações. Tratar do assunto faz surgir pontos de intersecção, de vista, pontos finais e reticências. Caminhar é também ligar pontos.

Em tais ligações, os caminhares ganham escritura: *caminhografias* (fig. 1). Seus elementos a serem desvendados como achados arqueológicos. E no intento de sua tradução aparece novamente o corpo que vos escreve. Em um tipo de “Pedra de Roseta”⁴, a experiência de também caminhar e o visitar os caminhares com a mão riscante se colocam lado a lado com os traços gerados pelos caminhares infantis e ensaiam paralelos, transposições e possíveis interpretações.

³ Como os nós descritos por INGOLD (2015, pos. 1963) quanto trata da representação de um caminho pelos *Walbiri*, povo indígena do norte australiano. O tempo que um indivíduo permanece em um lugar, entre sua chegada e partida, é traduzido como um nó feito da própria linha de sua vida que meneia naquele espaço até que saia dali.

⁴ Fragmento de rocha cuja inscrição fora feita em três escritas diferentes: egípcio antigo, demótico e grego antigo. Os paralelos entre as três versões foram essenciais à compreensão de escritas desconhecidas a partir da comparação com o grego. O esforço de decodificação da Pedra, estendido por décadas e por vários pesquisadores, trouxe avanços nos estudos de tradução, arqueologia e mais compreensão acerca da cultura egípcia.

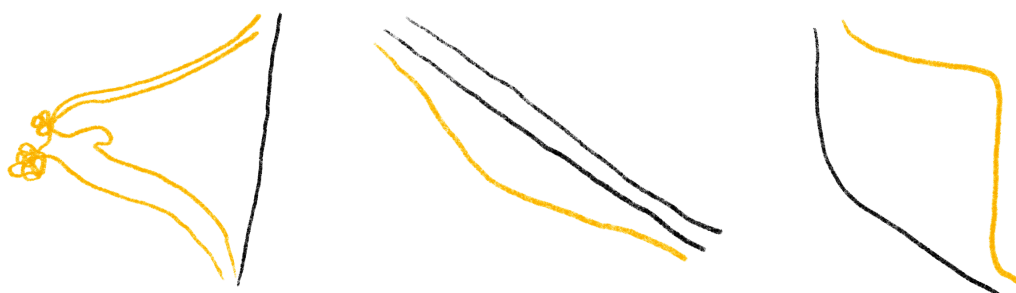
2.5.1 Ponto-linha elástica invisível

Caminham próximos com o passo acelerado: dois meninos, um deve ter uns 10 anos e outro algo perto dos 8. O mais velho começa a desviar para a esquerda, e só depois percebo o que o atrai. De um ponto na esquina nascem corpos flutuantes que refletem todas as cores. Bolhas de sabão. Ele chega perto do balde e começa a levantar os braços compridos de bastão ensaboado. O outro menino hesita. Seus pés vão em direção ao sabão sem que pareça perceber. Tenta voltar ao caminho anterior, mas para. Sua cabeça não acompanha a tentativa dos pés.

Olha. Alinha os passos ao olhar e também estende o braço e o balança no ar enchendo-o de bolhas. O tempo parece ter parado para nós três. Mas, de repente, seus corpos se esticam de lembrança - sabe como quando algo vem rapidamente à cabeça e o tronco se enrijece e a cabeça chacoalha como a de um suricato? O tempo volta a correr. Os meninos o acompanham. Correm como se não percebessem os pedestres e ciclistas cujos caminhos cruzam. E chegam enfim. À uma mulher adulta parada lá na frente. Só então percebo que eles estavam caminhando juntos à ela no começo. Se não fosse o filme gravado e revisto, não saberia que os caminhares dos três começaram alinhados. Parecia haver um elástico entre seus corpos. Em algum momento a tensão foi sentida e puxou os caminhares dos meninos de volta.

A criança caminhante e o adulto que a acompanha parecem dançar. O ponto de encontro se acomprida numa linha invisível. Tal linha parece ser cheia de força, de tensão. Vai e volta. Uma brincadeira entre proximidade e afastamento, entre presença e ausência. Na cena relatada acima, parece que o puxão do elástico até transparece no corpo dos meninos - “estamos longe demais”. Ao acompanhar os caminhares, esse puxão se repete: as linhas se afastam e voltam a se encontrar.

FIGURA 2: "Caminhografias" que ilustram os movimentos de afastamento e aproximação pela linha elástica invisível



Fonte: Desenhos de Isabela Pinho Gomes Assêncio (2020).

Sobre o que nos contam os afastamentos? Separação, abandono, ausência? Talvez. Mas também, espaço e respiro para outras aproximações. Afastar-se é deixar-se perder do que já se conhece para quiçá conhecer o espaço que cruzamos agora; é dedicar-se ao que causa estranhamento e encantamento. Em muitas vezes, os olhares das crianças se perdiam no entorno, em algumas ainda, o restante do corpo parecia fazer o mesmo, e, por um instante que fosse, caminhava para além do caminho previsto.

Perder-se significa que entre nós e o espaço não existe somente uma relação de domínio, de controle por parte do sujeito, mas também a possibilidade de o espaço nos dominar. São momentos da vida em que aprendemos a aprender do espaço que nos circunda. (...) Nas culturas primitivas, (...), se alguém não se perdia, não se tornava grande.” (LA CECLA, 1988 *apud* CARERI, 2013, p. 48)

O entorno urge a atenção do caminhante e entregá-la é, de alguma forma, “tornar-se grande”. Além disso, o estar afastado não precisa se misturar ao estar ausente. É preciso aprender a criar distâncias enquanto se permanece conectado ao outro, a conhecer a linha que conecta. Até onde eu posso andar e saber como voltar?

Há forças de aproximação: vínculo, segurança, apoio, familiaridade, refúgio. O passar dos olhos pela cena vai ao encontro com o conhecido, com aquele que muitas vezes aponta para a criança a próxima parada e por onde passar até chegar nela. Estar perto dessa referência, geralmente adulta, “nutre” - ou não - a

criança de presença, para que a partir daí ela possa criar seus afastamentos. E, então, voltar a se aproximar.

O conjunto entre distância e anseio de proximidade é a própria origem do movimento. Um eterno ir-se ao encontro. E como acompanhar a criança que descobre esse impulso? Como criar um estado de presença que a libere mas acompanhe?

Apoio, ligação, linha. As maneiras de manter a conexão são redundantes. Quando a linha invisível entre as crianças e seus acompanhantes parecia ainda menos palpável, surgiam outras: linha-voz, linha-toque, linha-olhar. Não precisaria ouvir o que estava sendo dito para saber se reforçava a ligação entre as partes, os corpos podiam dizer. Conversas durante a caminhada alinhavam os ritmos das passadas e, as vezes, uma palavra soava como “puxão elástico” aos ouvidos e trazia os pequenos corpos de volta. As mãos entrelaçadas emprestavam corpo sendo a própria linha entre os caminhantes, lembretes da conexão. Existiam também, as linhas formadas entre os olhos: céleres e de grande potência comunicadora.

Por vezes, as linhas eram por demais sutis. Quando um grupo caminhava sem dar as mãos mas seguia próximo, elas mostravam discrição. Não se podia ver se os elásticos continuavam tensionados ou se relaxavam. Sem momentos definidores, como os puxões, restavam apenas vislumbres do que era feita a relação que se observava. A tensão entre cada dupla dá sinais sobre natureza do "material" de ligação entre os dois corpos que une. A quem observa apenas cabe imaginar. Mas algo permanece: a companhia muda o caminhar de quem se acompanha.

2.5.2 A dobradiça

Seu olhar está à altura dos quadris do adulto acompanhante. Uma de suas mãos, assim como parte de seu punho, está contida na mão maior e sustentada por ela. O pequeno corpo cambaleia em uma marcha robótica de iniciante. Os pontos de vista parecem tão afastados verticalmente que, não fora as mãos, não pareceriam partes da mesma cena. Os olhos grudados no chão... seria pela proximidade a ele? Espanto-me ao descobrir uma brisa que passa rente ao asfalto do passeio.

Fragmentos de folhas pairam e ondulam ao seu ritmo. A pequena parece tentar se desvencilhar da mão firme para se dedicar à experiência eólica. Sem sucesso na tentativa, passa a usar a mobilidade ainda possível nos braços ligados. Muitas vezes, fica um pouco para trás, enquanto o adulto segue seu ritmo quase constante em frente, por outras vezes, se adianta. O adulto conversa com os demais acompanhantes e não olha para baixo. As diferenças entre os tempos dos dois corpos ligados criam uma imagem: cada junção nos membros superiores passa a funcionar como uma dobradiça e o corpo da criança se movimenta como uma porta ao se abrir ou fechar. Os passos curtos mudam sua velocidade com frequência, nem sempre o equilíbrio recém-conquistado dá conta de manter os pés no chão. Pendurada por um dos braços, reencontra o chão que nunca perdera de vista.

A criança caminhante e o adulto que a acompanha parecem dançar músicas diferentes. A dança se faz na relação do corpo com o ambiente e o tempo. E tudo isso parece estranhamente singular quando olho para a criança que passou: o corpo que meneia de novidade se encontra com um ambiente escondido dentro do ambiente em um tempo sem-fim.

FIGURA 2: "Caminhografias" que ilustram os movimentos de dobradiça



Fonte: Desenhos de Isabela Pinho Gomes Assêncio (2020).

"Esses seres estranhos dotados de uma curiosidade infinita e desordenada que faz com que eles se interessem por qualquer minúcia e, sobretudo, não possam escolher - nem diferenciar - entre o significativo e o insignificante" (LARROSA, 2017, pos. 4886). Essa indiferenciação que Larrosa usa para descrever as crianças pode acordar um novo fascínio para com o entorno. O olhar da menina descrito acima é tão absorto ao vento e a suas passageiras que carrega meus olhos para viajar junto dele. Seu corpo é como seta que aponta no espaço o que antes não podia ser visto. É uma maneira de andar particular "que

em lugar de chamar a atenção das pessoas sobre aquele que caminha, “chama a atenção sobre o entorno”, é puro prazer de estar a caminho, não tem uma meta, mas leva, de vez em quando, a se voltar e olhar para trás” (LARROSA, 2017, pos. 1327).

Olhar para trás, para cima e para baixo, o que parece descompasso de repente é pura consonância ao entorno. Como diferem os modos como as crianças e o adultos usam os espaços de passagem? Definições sobre os espaços e suas formas de uso já se deram diversas vezes.

Milton Santos chamou esses espaços indeterminados de espaços opacos, considerados como espaços abertos do aproximativo e da criatividade, em oposição aos espaços luminosos, considerados como espaços fechados da exatidão, racionalizados e racionalizadores. Essa distinção entre espaço opaco e espaço luminoso poderia ser também relacionada ao que Deleuze e Guattari chamaram de espaço estriado e espaço liso. Para esses autores, os nômades estão ligados ao espaço liso, espaço vetor de desterritorializações, em oposição ao espaço estriado, espaço sedentário e territorializado. (...) O grande jogo do caminhar transurbante seria, então, buscar esses espaços nômades, opacos, lisos, dentro da própria cidade luminosa - espaço estriado por excelência. (JACQUES, 2013, p. 13)

As crianças pareciam habitar espaços opacos, lisos com mais frequência, ainda que estivessem aparentemente nos mesmos ambientes que os adultos. Talvez elas sejam mais capazes de encontrar "a cidade nômade escondida dentro da cidade sedentária" (JACQUES, 2013, p. 14); com corpos ainda não tão racionalizados sendo atraídos por espaços de mesma natureza. Ou talvez sejam seus olhos e demais sentidos tão embebidos de criação que criam paisagens lisas por onde passam.

2.5.3 Retas e curvas

Um pé, o outro; um pé, o outro; um pé, o outro; um pé, o ou - uma linha no asfalto - espera, impulso, pulo. Passos e s p a ç a d o s, passos curtos. Mudança de direção, a pernas saltitam em ziguezague. O menino de bermuda listrada olha para seus pés e ensaia seu repertório. Cima, baixo, um lado, o outro, depois varia as distâncias, alterna pausas e corridelas. Ao lado, na outra ponta da mão do menino, o adulto marcha em constância.

A criança que caminha e o adulto que a acompanha parecem dançar em tempos diferentes. Descrever o caminhar do menino leva mais linhas de texto do

que descrever o do adulto. Assim também fora ao desenhar seus caminhares. Em seus tantos movimentos, o corpo do pequeno carregou o traço por curvas que se esticadas não caberiam na linha de seu acompanhante.

Na sua essência, a linha possui apenas duas formas de se expressar: como reta ou como curva. A linha reta é rápida, focada na sua direção, no seu lugar de chegada, nada a desvia da sua meta. A curva sonha, se perde, dança, é imprevisível e requer energia para realizar seus meandros (SOUZA, 2019, p. 115).

FIGURA 2: "Caminhografias" que ilustram as retas e curvas



Fonte: Desenhos de Isabela Pinho Gomes Assêncio (2020).

A retidão da linha aponta certa relação com o tempo. Existe um antes e um depois. E nesse último, o sujeito terá chegado a seu próximo destino. Um caminho direto, aliás, o caminho mais curto entre um ponto de parada e o próximo. Em suas relações com passado e futuro e com o objetivo, a linha reta “já não é o rastro de um gesto, mas uma conexão ponto a ponto” (INGOLD, 2015, pos. 2901). É possível perceber a ubiquidade das linhas retas nas produções humanas, estão nas ruas, nas construções, no texto digitado que lê agora.

Enquanto isso, a criança não parece ter pressa. Permite-se vagar, voltar, fazer pausas. Não demonstra intenção de transitar entre passado e futuro, apenas está. Vive num tempo *aion*, de eternidade, em que tudo é possível (SILVA, 2019)

3. CONCLUSÕES

3.1 As linhas e caminhares das infâncias

3.1.1 Começo

Quando nasce uma criança nasce também uma linha, um fluxo de vida. Começa como espessura em cima de tantas outras. Uma linha que passa a habitar um mundo igualmente feito de linhas e, assim, vai se enlaçando e se

enovelando àquelas que compõem o seu redor. Deixa marcas no entorno enquanto recolhe outras. Às vezes, a resultante dessas marcas é tão ínfima que acaba, por isso, nem sendo notada.

Seres humanos nascem com reflexos de caminhar, assim como, de agarrar firme com as mãos. E é a partir delas que se ligam aos adultos que lhe são referência. Ligam-se talvez em busca de alguma estabilidade para o caminhar, e também para expressar sua conexão e seus sentimentos. Dali, continuam a estabelecer novas ligações. Seguram e são segurados: nesse entrelace, vemos surgir a “malha” da socialidade (INGOLD, 2018, pos. 273).

Os fios de vida em sua natureza vazante são puro movimento e, em sendo trama, não se movem de maneira isolada. Quando se vê os caminhares das crianças que passam acompanhadas despontam elásticos invisíveis que unem os rastros deixados por cada um. Reminiscências de uma urdidura ainda menos tangível. Vê-se as aproximações e os afastamentos; vê-se também algo da conexão que permanece latente. Um diálogo silencioso entre as linhas de cada caminhar.

A tensão do elástico se faz em constante regulação buscando evitar a fusão ou o desligamento. À procura de uma presença que libere mas acompanhe e que, quem sabe, as linhas possam se alongar na direção de seus próprios caminhos.

3.1.2 Caminhos

Além disso, deve-se considerar as superfícies sobre as quais as linhas se desenham. Corpos e seus movimentos deixam rastros pelo território que cruzam mas também são afetados por ele. E adultos e crianças que transitam pelo mesmo espaço parecem vivê-lo de forma diferente. Talvez isso se deva a algo que vá além de um “caminhar como forma de ver paisagens” sendo um caminhar “não somente de ver, mas sobretudo de criar paisagens” (JACQUES, 2013, p. 7).

Os espaços fazem convites para aqueles que os ocupam. Nas cidades, suas utilizações esperadas já estão no repertório dos adultos, afinal, o raciocínio de uso muito se parece com o que motivou as intervenções humanas feitas ali: “A rua de asfalto vai do ponto A ao B. No asfalto, não sujo os pés de lama e tenho menor

chance de tropeçar”. Sobra menos criação para fazer e mais foco para cumprir os objetivos com eficiência. O caminho mais curto. Enquanto isso, as crianças na conhecida do espaço não parece ter decidido por uma forma de caminhar, nem uma só velocidade, nem direção. Sem toda essa cristalização, parece ser o caminho que sussurra possibilidades: "o que tem ali perto da esquina?", "Uau, o vento passa rente ao chão!", “Meu pé sabe passar aqui de tantas formas diferentes!”. E quando se aproxima para ouvir junto das crianças, os dissonantes parecem ser os seus grandes acompanhantes.

3.1.3 A invasão das retas...

De onde vêm tantas linhas retas? Nas "caminhografias" feitas neste trabalho, elas aparecem repetidas vezes: em praticamente todos os traços dos caminhantes dos adultos e em alguns das crianças acompanhadas e levadas por eles. A sensação de movimento gerada pelas curvas cessa ao fitar as retas. Rápidas, constantes, estéreis, previsíveis: só há um caminho reto de um ponto a outro.

Caminhos predeterminados traçados por uma linha que tem pressa e se impõe sobre o que não é reto o suficiente. Canalizam-se as águas dos rios, constroem-se túneis atravessando as montanhas, estradas, passeios.

En otro tiempo fue el trazo de un gesto continuo pero ahora, bajo el influjo de la modernidad, la línea se ha disuelto en una sucesión de puntos. Tal fragmentación, como me dispongo a explicar, tuvo lugar en los terrenos del viaje, donde el deambular fue reemplazado por el transporte con destino fijado; del mapeo, donde el esquema dibujado se reemplaza por la ruta planeada, y de lo textual, donde el cuentacuentos se reemplaza por el guión escrito. Todo esto también ha transformado nuestra idea de lugar: antes un nudo de muchas hebras entrelazadas que crecían y desarrollaban es ahora un nódulo estático dentro de una red de conectores (INGOLD, 2015, pos. 1473).

A modernidade traz em si um movimento de ligar elementos, ligar pontos. Que substitui o gesto contínuo dos caminhos da antiguidade.

3.1.4 ...em um mundo cheio de curvas

A linha reta simboliza o domínio da humanidade sobre as vicissitudes do mundo natural. O ser humano altera os espaços naturais de modo que eles ganhem características que sirvam ao seu modo de vida e reforcem a sua dominação.

“A natureza selvagem visível é um rebuliço de curvas aleatórias; não contém nenhuma linha reta e apenas umas poucas formas geométricas regulares de qualquer tipo. Mas o mundo domesticado da Cultura, criado pelo homem, está cheio de linhas retas, retângulos, círculos, e mais” (tradução livre de LEACH, 1976 *apud* INGOLD, 2015, pos. 2969)

A água quando desce um terreno se meandra: o rio interage ativamente com cada parte do espaço que percorre e assim acha seu caminho. Dessa forma também parece acontecer com os outros animais e com vários povos humanos na história do mundo. Nas errâncias de caça do paleolítico (CARERI, 2013, p. 59), e para povos como os “batek” e “foi” de Papua Nova Guiné (INGOLD, 2015, pos. 1510), o viajante ou aquele que deambula precisava estar em colaboração ativa com o entorno, buscando constantemente informações e alimento ao longo de suas errâncias. Caminhar não era, nesses casos, unicamente uma forma de ir de um ponto a outro (INGOLD, 2015, pos. 1511).

A fim de estabelecer um paralelo de tais viagens errantes com as atuais, Tim Ingold (2015, pos. 1571) destaca os que os viajantes de agora são usualmente movidos de um lugar a outro e que as visões, sons, e sentimentos que vivenciam no trajeto estão totalmente desassociados do movimento da viagem que fazem, são somente passageiros que se movem agora em linhas fragmentadas.

3.1.5 Recomeço

“O ato de caminhar congrega uma transversalidade no campo do conhecimento - ação antiga e permanente, presente em todo o arco civilizatório” (DERDYK, 2019, p. 5). E se suas raízes também estão assim presentes, as errâncias e deambulações ainda devem permear, de algum modo, nossos gestos de caminhada. Talvez apareçam com mais vigor nas crianças e em suas travessias sem claros princípio e fim, em seu tempo curvado em eternidade. Sem pontos a ligar, sua curiosidade faz ligação com o entorno e todas as suas curvas. “Deambular não é precisar de um lugar e nem prender-se a um lugar, e sim, é fazer um lugar” (tradução livre de INGOLD, 2015, pos. 1983).

Talvez as infâncias caminhantes nos contem sobre estes lugares, que feitos a todo momento, interrompem e dissolvem a retidão com movimentos de fluxo e vida.

“A infância não é uma preparação para a vida adulta, não deve ser pensada assim. Devemos pensar que cada criança recria a vida humana” (ANTÔNIO, 2019)

3.2 Meu caminhar

Até agora, o caminhar deste trabalho se deu principalmente pelo lado direito do bordado-texto, passando por linhas e pontos que é costume se expor. Mas é chegada a hora dos nós. Prendendo as linhas nos começos e de novo no fim, eles vieram lembrar dos pontos e das costuras que ficam escondidos atrás do tecido.

Traçar as linhas leva tempo. Eu deixei e voltei à minha própria casa, teorizei como no grego (CRIVELLI VISCONTI, 2014, p. XVIII). Sabia que teorizar exigia movimento e que chegaria em um lugar que não poderia saber qual era. Por diversas vezes, me perdi e, talvez, tenha me tornado um pouco maior no percurso. Um caminhar errante, numa tentativa conversar com o ambiente em que encontrei muitos, muitos silêncios.

As linhas também ocupam espaço, corpo. Os instrumentos de trabalho foram diversos traçadores de linhas: olhos, mãos, pés, memória. Em busca de conhecer outras pessoas-corpos tive que passar por dentro de mim. Dos sentidos para dentro, da memória para as mãos, das mãos para o texto, do texto para outros corpos. Tudo recordando o caminho. Um texto convite para caminhar comigo, por um caminho já marcado no chão e agora também em mim.

Nós. Muitos vêm junto comigo. Os autores que estarão nas próximas páginas listados, todos cheios de marcas de caminhos nos pés. Também todas as pessoas que me acompanharam em meus caminhares até agora e as que ainda o farão. E, principalmente as crianças, as que tive a honra de segurar as mãos dentro da minhas e todas aquelas que passaram por mim.

Se a criança aprende vendo as formas do mundo, o que a gente aprende observando as suas formas?

As crianças recomeçam a humanidade. E nos chamam a recomeçar.

Deixo aqui um convite para uma apresentação sobre o trabalho, caso queira conhecê-lo em outro formato com os desenhos que escolhi para acompanhá-lo.

É só apontar a câmera do celular para a imagem-código a seguir:



REFERÊNCIAS

- ANTÔNIO, Severino. *A criança só é plenamente criança quando brinca*. 2019. Diálogos Viagens Pedagógicas. Disponível em: <https://www.dialogosviagenspedagogicas.com.br/blog/a-crianca-so-e-plenamente-crianca-quando-brinca>. Acesso em: 24 ago. 2020.
- CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. São Paulo: Editorial Gustavo Gili, 2013.
- CRIVELLI VISCONTI, Jacopo. *Novas derivas*. São Paulo: WWF Martins Fontes, 2014. (Mundo da Arte).
- DERDYK, Edith, *O caminhante como ativador de descolamento de sentidos*. International Encounters/Conference Prespes, Greece. July 1st to 7th, 2019. Disponível em *Plataforma de Pesquisas - A Casa Tombada* (<http://plataformapesquisas.acasatombada.com.br/omeka/items/show/1443>), acesso em 22 de abril de 2020.
- DOMINICI, Nadia, *et al.* (2011). *Locomotor primitives in newborn babies and their development*. Science, 334(6058), 997-9. Disponível em <https://doi.org/10.1126/science.1210617>. Acesso em: 20 de junho de 2020.
- GARLINGHOUSE, Tom. *Unraveling the Mystery of Human Bipedality*. 2019. SAPIENS Magazine. Disponível em <https://www.sapiens.org/archaeology/human-bipedality/>. Acesso em 20 jun. 2020.
- INGOLD, Tim. *Líneas: una breve história*. Barcelona: Gedisa Editorial, 2015. (Liberdad y Cambio nº 132). Edição do Kindle (posição final 3501).
- _____. *La vida de las líneas*. Santiago de Chile: Ediciones Universidad Alberto Hurtado, 2018. Edição do Kindle (posição final 4329).
- IVANENKO, Yuri P.; DOMINICI, Nadia; LACQUANITI, Francesco. *Development of Independent Walking in Toddlers*, Exercise and Sport Sciences Reviews: April 2007 - Volume 35 - Issue 2 - p 67-73 doi: 10.1249/JES.0b013e31803eafa8
- JACQUES, Paola Berenstein *O grande jogo do caminhar* (2013) IN CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. São Paulo: Editorial Gustavo Gili, 2013.
- LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*. 6. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. (Coleção Educação: Experiência e Sentido). Edição do Kindle (posição final 6208).
- SILVA, Carla Patrícia. *Partir da infância ou a arché do pensamento*. Childhood & Philosophy, Rio de Janeiro, v. 15, jan. 2019, pp. 01 - 28. doi: 10.12957. Disponível

em <https://www.redalyc.org/jatsRepo/5120/512059810002/html/index.html>. Acesso em 24 de agosto de 2020.

SOUZA, Luciana Betti de Oliveira. *Do elemento puro à figuração: o caminho da arte na pedagogia Waldorf*. Revista Jataí Volume 1, pp. 111 - 136. São Paulo, 2019. Faculdade Rudolf Steiner

ANEXO - Algumas palavras e autores que me acompanharam

A medida que você desenha a ponte você aprende mais sobre a ponte. E faz escolhas.

Jacopo Crivelli Visconti

Não sei como desenhar o menino. Sei que é impossível desenhá-lo a carvão, pois até o bico de pena mancha o papel para além da finíssima linha de extrema atualidade em que ele vive.

Clarice Lispector

Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar.

Paulo Freire

Em A repetição, há um momento em que o protagonista aprende a caminhar. Não como uma criança que dá seus primeiros passos, mas no sentido da novela de formação, isto é, como um jovem que aprende, através da experiência, qual é sua própria forma de caminhar ou, o que é quase a mesma coisa, qual é a sua própria maneira de ver as coisas, de ler as coisas. Porque, em Handke, uma determinada forma de caminhar corresponde a uma determinada forma de olhar ao redor: caminhar não é tanto ir de um lugar ao outro, mas levar a passear o olhar. E olhar não é senão interpretar o sentido do mundo, ler o mundo. Então, escreve Handke, o jovem caminha de tal forma, e olha de tal forma, e lê de tal forma, que chama atenção, não sobre si mesmo, mas sobre o entorno, sobre a paisagem.

Jorge Larrosa

Mas nosso personagem aprendeu que ler e escrever (escutar e falar) é colocar-se em movimento, é sair sempre para além de si mesmo, é manter sempre aberta a interrogação acerca do que se é.

Jorge Larrosa

Inverter a direção do olhar: a infância não como aquilo que olhamos, senão como aquilo que nos olha e nos interpela.

Jorge Larrosa

Sua viagem converte-se, melhor dizendo, numa "errância" infinita em que não há destino a que chegar, nem possibilidade de volta ao ponto de partida.

Jorge Larrosa

Analogamente, Alÿs sabe que o rastro que deixa, o traço sutil e evanescente de um desenho que perpassa a cidade, e que poderia ser apreciado apenas por deus e pelos pássaros (talvez os mesmos que na fábula comia as migalhas das crianças), é fadado ao desaparecimento, a ser absorvido pela cidade pulsante. No fundo, nesse sentido, é à própria cidade que a performance se destina.

Jacopo Crivelli Visconti